

KEN WILBER UNPLUGGED

Entrevista de KEN WILBER a Christina Kessler e Anne Devillard*

11 de maio de 2002

Tradução de Ari Raynsford (www.ariraynsford.com.br)

Revisão de Darcy Brega

Ken Wilber é, atualmente, o principal líder do paradigma integral. Até hoje, esse "pensador apaixonado" é autor de 19 livros e é o único filósofo em todo o mundo cujas obras completas foram publicadas ainda em vida. "Pode-se explicar os conceitos de 'integral' e 'holístico' de várias maneiras", diz ele. "Muitas pessoas dizem que esses termos se referem a uma tentativa de integrar matéria, corpo, mente, alma e espírito, ou seja, uma tentativa de compreender a Grande Cadeia do Ser. A física lida com a matéria, a biologia com o corpo, a psicologia com a psique, a teologia com a alma e o misticismo com a experiência imediata do espírito. É por isso que um conceito integral da realidade deve abranger a física, a biologia, a psicologia e o misticismo." E, portanto, deve abranger TUDO, poderíamos acrescentar.

Alguém que assuma a tarefa de integrar ciência e misticismo deve ser sustentado e inspirado por uma energia criativa avassaladora. Além disso, o fato de, necessariamente, posicionar-se fora das categorias convencionais e, assim, tornar-se alvo da crítica acadêmica torna imprescindíveis certos traços de caráter, como coragem, determinação, integridade e, acima de tudo, uma fé inabalável em sua

* Christina Kessler é Ph.D. em antropologia cultural e autora de *Amo ergo sum. Ich liebe, also bin ich. Selbstrealisation – Der Weg in eine neue Wirklichkeit* [*Amo ergo sum. Amo, logo existo. Autorrealização – o caminho para uma nova realidade*], Arbor-Verlag, 2002, livro que trata do desenvolvimento da consciência integral.

Anne Devillard é editora sênior da revista NATUR & HEILEN e moderadora de conferências internacionais sobre medicina holística, espiritualidade e ciência.

própria intuição, combinada a uma aguçada habilidade para fazer distinções. Ken Wilber, "o Einstein da consciência" tem tudo isso. Essa é a nossa percepção...

Ken nos recebe na porta de seu *loft*, em Denver, sorrindo: 1,90 m, magro, atlético, vestindo jeans, camiseta e tênis. Simples, sem poses. Estamos em 11 de maio de 2002, 10 horas da manhã, e planejamos fazer uma entrevista "leve" com ele. Nós, Christina Kessler, antropóloga cultural e autora do livro *Amo ergo sum*, Anne Devillard, editora-chefe da revista alemã *Natur & Heilen* [Natureza e Cura] e Bob Richards, vice-presidente do *Integral Institute*. Para nós, uma entrevista leve significa, antes de tudo, apresentar os complexos conceitos centrais e, para muitos leitores, difíceis, de Ken Wilber em um nível mais acessível, mas também revelar Ken, a pessoa privada. Ele havia se afastado de todas as aparições públicas há duas décadas e só começou a "aparecer entre as pessoas" novamente desde que o *Integral Institute* foi fundado. Ken não quer ser considerado um mito, mas, sim, ser visto pelo que realmente é – em suas próprias palavras: "apenas um... cara".

Agora ele está sentado na nossa frente, esse cara, e, antes de começarmos, vamos tentar criar uma imagem para o leitor através do "olho do espectador". Ken tem uma bela voz, uma voz que expressa força e sensibilidade ao mesmo tempo. Ele fala diretamente, com grande especificidade, muitas vezes de forma crítica e algumas, com mordacidade; mas tudo isso está envolto no calor de sua voz, o que simplesmente torna o que ele diz agradável. Ele é carinhoso e atencioso; em certos momentos ressoa um tom de suavidade em sua fala, quando, por exemplo, discorre sobre temas místicos. Ele também tem a risada mais contagiante que se pode imaginar, alta e retumbante. Há uma espécie de humor intrínseco, sugerindo que ele considera os feitos do mundo, e não apenas os seus próprios, com o olhar divertido de um observador. Com certeza, a combinação certa! Ken mergulha no que diz com todo o seu ser. Isso lhe confere não apenas presença e intensidade, mas, sobretudo, autenticidade. Wilber é o que ele fala, pensa e expressa. Ele incorpora diversidade e foco simultaneamente. Não se pode negar que ele possui uma atratividade muito especial por causa disso. É simplesmente impossível não gostar dele – supondo que se tenha a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente.

SOMOS TODOS PIONEIROS

Christina Kessler, Anne Devillard: Ken, você é muito popular na Alemanha atualmente. Grupos de estudo e discussão, institutos etc., que trabalham com suas teorias, estão surgindo do chão como cogumelos! Parece que nós, alemães, temos uma afinidade especial com o seu pensamento graças à nossa herança filosófica.

Ken: Eu me considero um pensador do norte da Europa com um estilo de vida do sul da Europa. Todos os grandes pensadores sistemáticos – a maioria deles alemães – são de fato extraordinários. Se você olhar para os grandes filósofos da tradição ocidental, cerca de setenta ou oitenta por cento deles provieram, basicamente, de áreas do idioma alemão. Acho que é por isso que há uma certa simpatia por alguns dos passos que estou tentando dar, porque os fundamentos já foram lançados, não só por alguns dos principais pensadores europeus, como os grandes idealistas, mas também pelos místicos da Renânia e por toda a tradição da razão integrativa e da espiritualidade transracional. E com um estilo de vida do sul da Europa, porque gosto de ir à praia, tomar vinho e comer macarrão. Essa união é uma das coisas que estamos tentando fazer agora e que será a marca de como qualquer esforço verdadeiramente integral terá sucesso. É a primeira vez na história do mundo que temos todas as culturas existentes à nossa disposição. É realmente surpreendente quando pensamos nisso.

CK, AD: Sim, estamos em um momento único da história humana e, portanto, as oportunidades para mudanças positivas e renovação são grandes.

Ken: Certo. Isso nunca aconteceu antes. Os desafios são imensos, as recompensas, também – e todos nós somos pioneiros. O que eu admiro no pensamento integral é que ele altera ideias e conhecimentos. E o que me agrada em ser um pioneiro é que se pode ser um idiota absoluto e ainda assim fazer contribuições importantes. Porque ninguém começou essas coisas.

CK, AD (rindo): Agora, falando sério, dificilmente se pode dizer que você seja um idiota. Você é o pioneiro da nova filosofia integral que está apenas começando a se firmar. Mas muitas pessoas acham seus livros difíceis de ler...

Ken (provocando): Não os alemães!

CK, AD: Sim, os alemães também!

Ken (rindo): Não, os americanos sim.

CK, AD: Não, é realmente verdade. Nem mesmo 50% de seus leitores entendem seus volumosos livros de forma a alcançar, de fato, sua profundidade e utilizá-los. Muitas pessoas pensam em ler Ken Wilber e fecham o livro após algumas centenas de páginas porque se sentem simplesmente agoniadas.

Ken: Entendo, entendo...

CK, AD: Portanto, é importante – e não apenas importante – é necessário...

Ken: ...popularizar minha obra, torná-la acessível.

CK, AD: Exatamente! Essa é o principal esforço agora, em nossa opinião. E é isso que pretendemos hoje: apresentar os principais aspectos do seu pensamento de uma forma fácil de entender. Suas ideias são importantes para o nosso futuro e, portanto, precisamos compreendê-las.

Ken: Eu costumo fazer piadas sobre algumas dessas coisas, portanto não me interpretem de forma muito literal. Mas se vocês pensarem em escritores realmente difíceis, qualquer filósofo alemão cujo nome comece com H é difícil: Horkheimer, Hegel, Heidegger, Husserl, Habermas. Isso é difícil. Ken Wilber está longe de ser um filósofo alemão cujo nome comece com H. Estou brincando!

CK: Mas você está certo. Por exemplo, Habermas é terrível de ler. Eu me lembro que quando estava na universidade eu o odiava (risos). Eu o detesto. É por isso que fiquei surpresa ao encontrá-lo mencionado em seus escritos.

Ken: Eu o apresentei a diversas pessoas na América. Muita gente conhece pensadores alemães como Schelling, basicamente, e até Fichte, por meio do meu trabalho. Eu concordo com você; porém, há uma dificuldade em um aspecto: para ser levado a sério, você tem de escrever como um Heidegger, um Habermas ou um Husserl. Há um certo elitismo na filosofia. É compreensível. Na América, você tem de mostrar até certo ponto que é capaz de brincar com um pensamento analítico intenso e de alto nível. Você tem de fazê-lo ou não é levado a sério em determinados círculos. Ora, em certo sentido, nunca serei levado totalmente a sério pela filosofia acadêmica, porque, na verdade, não faço filosofia, que é um tipo particular de jogo que acho extremamente limitado. Há certas regras, certos jargões e uma certa afiliação de clube que você precisa acompanhar para ser aceito, e a única coisa que você faz – uma vez que se transforma em um filósofo oficial – é se tornar absolutamente desconectado para o resto da existência. Por alguma razão, isso é algo muito valorizado por esses filósofos. Eu não entendo.

CK, AD: Sim, mas a maioria de seus livros também são altamente acadêmicos.

Ken: Mas eles são fáceis de ler, não são? *Sexo, Ecologia, Espiritualidade* por exemplo (na edição alemã, *Eros, Logos, Kosmos*). O que eu tento fazer é que cada frase seja clara, mesmo que a ideia geral seja complexa. Tento escrever de forma simples. Cada tijolo da construção é muito, muito claro. É como um prédio de 42 andares com todos os seus quartos e salas – uma estrutura muito complexa. Mas se você estiver disposto a sentar e lê-lo – ele tem 800 páginas – é um dos livros mais simples e fáceis. Cada frase faz sentido, na minha opinião; é clara, direta. E se as pessoas tomam fôlego e entram nele, elas, em geral, se divertem muito. Nesse sentido, é muito diferente do que fazem os filósofos acadêmicos: se algum dia, por

um lapso, eles escrevem uma frase clara ou fácil de entender, eles consideram que falharam em sua tarefa, que é pensar algo tão profundo de forma que ninguém possa realmente compreender o que eles dizem.

CK, AD: Por outro lado, se alguém lê seus livros, já tem que ter alguma ideia sobre a coisa toda para entender o que está acontecendo, para entrar no assunto em primeiro lugar. Caso contrário, não tem nenhuma chance.

Ken (rindo): É verdade.

CK; AD: Então, o que achamos importante agora é dar uma ideia da visão completa para as pessoas, com alguns destaques para que elas se interessem. É realmente relevante, Ken! Suas ideias são fundamentais para o nosso futuro e, portanto, precisamos entendê-las.

Ken: Tudo bem. Vou lhes dar algumas das minhas versões que podem servir como abordagens mais populares ou mais acessíveis. Por que não começamos com?... Vou lhes apresentar um dos resumos mais simples de toda a situação...

CK, AD (rindo): Ótimo! Relaxemos e ouçamos!

TODOS OS QUADRANTES, TODOS OS NÍVEIS

Ken: Parte do modelo que desenvolvi é baseado na tentativa de integrar todas as formas conhecidas de experiência e conhecimento humanos. E não é um sistema hegeliano fixo e fechado. É bastante aberto, fluido, com espaço para material novo também. A expressão técnica que uso – e depois vou para a parte simples – é "todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas, todos os estados, todos os tipos". Às vezes o chamo de AQAL, que é o acrônimo de "all quadrants, all levels" ("todos os quadrantes, todos os níveis"). A versão simplificada é a seguinte:

Se você observar os idiomas conhecidos do mundo inteiro, todos eles têm pronomes de primeira, segunda e terceira pessoas. E acredito que a explicação mais simples para isso é que, à medida que os seres humanos evoluíram, surgiram as dimensões muito reais do "Eu", "Tu" e "Isto" e os pronomes que as refletem. É por isso que elas existem transculturalmente. Não é uma invenção do patriarcado ou um conceito eurocêntrico ou uma ideia que é encontrada apenas em uma cultura. São dimensões universais comuns. Assim, parte do que precisamos fazer, se quisermos obter uma congruência geral da maioria das realidades, é incluir dimensões de primeira, segunda e terceira pessoas; ou "Eu", "Nós" e "Isto".

O "Eu" é a beleza nos olhos do observador, a dimensão estética. A ciência objetiva lida com "Istos" ou objetos. A moralidade trata da dimensão "Nós" de cultivar o bem. Assim, "Eu", "Nós" e "Isto" são a Arte, a Moral e a Ciência; o Belo, o Bom e o Verdadeiro, respectivamente. Essas são dimensões da realidade que são encontradas transculturalmente. Eu chamo essa parte de "todos os quadrantes", porque os quadrantes se referem justamente às dimensões "Eu", "Nós" e "Isto". Desse modo, não importa qual entidade se investigue, a primeira coisa que precisamos fazer é ter certeza de olharmos para cada ocasião que surge com, pelo menos, uma abordagem de primeira, segunda ou terceira pessoas, porque essas são perspectivas muito diferentes de uma mesma entidade. Todas as entidades têm um aspecto a ser levado em conta artística, moral e cientificamente.

Essa é a primeira parte: "todos os quadrantes".

Segunda parte: existe um espectro de consciência ou níveis de consciência e existem estados de consciência. Todo mundo vivencia os estados de vigília, sonho e sono profundo. Isto mostra que, em certo sentido, surgem mundos muito diferentes à medida que emergem estados de consciência diversos. Essa é a própria essência da noção kantiana de que objetos ontológicos são criações da estrutura do sujeito. Um estado de consciência diferente desvela um mundo diferente. Se vocês estão tentando juntar todas essas coisas, a maneira mais simples de fazer isso é ter acesso a um espectro de estados ou estágios de estado de consciência, sendo os mais simples a vigília, o sonho e o sono profundo. Também temos outros tipos de estados: meditativos, intuitivos e assim por diante. E pode ser feito um mapeamento completo de todos os estados disponíveis que homens e mulheres vivenciam ao redor do mundo: estados xamânicos, estados científicos, estados artísticos... A ideia geral é que, basicamente, assumamos que todos eles nos dizem algo importante sobre a realidade.

Se consideramos "todos os níveis" e "todos os estados" de consciência e os integramos às dimensões do "Eu", "Nós" e "Isto", chegamos à conclusão de que qualquer estado de consciência pode ser percebido em termos subjetivos, estéticos ou de autoexpressão, pode ser avaliado em uma dimensão moral e pode ser investigado cientificamente.

Assim, "todos os quadrantes, todos os níveis, todos os estados" significa, basicamente, que qualquer experiência conhecida que os seres humanos vivenciem pode ser, de certa forma, mapeada em uma visão abrangente. Esse mapa evidenciará a relação entre as diferentes disciplinas: política, negócios, sociologia, filosofia e assim por diante. Muitas delas equivalem a interações do dia a dia. E, em essência, o que realmente significa é: se tivermos um mapa completo da tradição

humana, estaremos capacitados, com base em nossos potenciais, a operar muito mais eficazmente. É como ter o melhor mapa dos Alpes quando os sobrevoamos; faremos um voo mais seguro. Se tivermos um mapa ruim, poderemos sofrer um acidente. E a maioria das disciplinas que estão à nossa disposição hoje, seja na ciência, medicina ou educação, são mapas ruins. Eles são incompletos, são parciais; e as pessoas estão se acidentando todos os dias nos Alpes de sua própria estupidez.

Em geral, achamos que não é aconselhável seguir esse caminho.

Assim, é isso que estamos tentando fazer com uma abordagem mais integral. Claro, qualquer novidade que surja será incorporada a ela. A única qualidade necessária para esse tipo de trabalho é uma mente extremamente aberta. Não se pode desenvolver a abordagem integral com preconceitos, mentalidade estreita e crenças de que uma determinada forma de ver as coisas é a única. Portanto, por um lado, é uma abordagem radicalmente pluralista. Por outro, ela define esse pluralismo radical de uma forma que o torna não apenas coletivo, mas realmente sistemático. Ela integra. Ela une as coisas e mostra como basicamente tudo está relacionado a tudo. De um modo bem brando, orgânico e conectado.

Essa é uma visão do lado teórico do que estamos fazendo. Estamos tentando chegar a um mapa mais completo da tradição humana. Em seguida, há o lado prático: como você o aplica? Como você alcança a transformação em seu próprio caso? Se você quiser crescer e se desenvolver, o que pode ser feito? Se você quiser usar o mapa na medicina, na educação, na política, no planejamento comunitário... ele é praticamente aplicável a qualquer coisa porque cobre tudo. Conseguimos isso olhando para todas as possibilidades que os seres humanos têm: todos os estados de consciência, todas as perspectivas, todas as dimensões. Ao juntar tudo isso, você abrange qualquer situação, seja no sistema educacional, na sua vida pessoal, na forma como administra seu escritório, em seus relacionamentos – não importa. Pode-se aplicar o mapa integral a todas essas coisas porque elas contêm esses vários aspectos. Como deseja aplicá-lo, é com você. Podemos fazer um número enorme de coisas com ele, ou apenas estudá-lo teoricamente, o que algumas pessoas fazem. Eu não recomendo isso. O objetivo central é praticá-lo. Você pode usá-lo em qualquer uma dessas dimensões.

CK, AD (rindo): Esse foi um resumo muito bom. Agora temos de pensar em mais algumas perguntas.

Ken dá sua gargalhada típica, alta e calorosa: Não existe uma "única abordagem verdadeira".

Bob Richards: Bem, eu tenho uma pergunta. O que percebemos agora é que estamos em um momento particular da história e que as pessoas, na cultura e na sociedade, tendem a pensar em termos modernos ou pós-modernos. Como o modelo integral corrige as falácias embutidas nesses termos que encerram absolutismos da realidade?

Ken: Sim. Estamos realmente tentando evitar todas essas formas de absolutismos ou abordagens parciais que tentam transformar sua visão na única correta. Se você olhar para os quadrantes sobre os quais falamos – "Eu", "Nós", "Isto" e "Istos" – e quadrantes significam perspectivas – há, em geral, um único objeto em seus sistemas de objetos. Há um único "Eu", há sistemas de culturas que são "Nós" e comunidades que são "Istos". Vários tipos de disciplinas querem fazer de um desses quadrantes o único quadrante real da existência. Os naturalistas científicos típicos, por exemplo, alegam que a única coisa real são objetos materiais individuais "Isto". Nenhuma subjetividade é real, as dimensões morais são secundárias e a única coisa que é verdadeiramente real são objetos – mesas, pedras etc. – que podemos medir cientificamente. Eles tentam fazer da dimensão "Isto" a única que é correta. A teoria de sistemas vem e diz: "Bem, vamos corrigir isso. Nós, na verdade, olhamos para sistemas de coisas e como elas se inter-relacionam"; mas ela ainda está olhando para objetos. Assim, você tem sistemas de como os rios afetam as montanhas, como podem afetar seu corpo físico, como algo afeta o sistema ecológico e assim por diante. Porém, todos ainda são "Istos" que deixam de fora as dimensões interiores da subjetividade, níveis de consciência e estados alterados de consciência. Veja, quando a teoria de sistemas afirma ser uma totalidade, na verdade está lidando com uma parcialidade, está lidando com a dimensão "Isto" dos objetos, com sistemas de objetos "Istos". Há outros que assumem a dimensão "Eu" como a única real. Tradicionalmente, afirma-se que, em certos estados místicos e meditativos, existe um eu subjetivo que é a única realidade e que todas as outras coisas são ilusões.

E, recentemente, temos um tipo de abordagem pós-moderna: ela diz que é a cultura em si, ou a dimensão "Nós", que constrói todos os objetos. Tudo é uma construção social e não há realidade genuína para o "Eu" ou o "Isto". É tudo uma construção do "Nós" social. Essa é a essência do pós-modernismo. Portanto, ele também absolutiza uma perspectiva.

Ora, o que tentamos dizer é: "Sabe de uma coisa? Você está certo." Isto é, todas essas abordagens estão corretas. "Mas você está errado quando pensa que apenas sua abordagem é a correta." Simplesmente sugerimos levar em conta o "Eu", o "Nós" e o "Isto" e não tentar reduzir uns aos outros. Dessa forma,

abandonamos qualquer tipo de absolutismo, que procura fazer de uma fatia da realidade a única fatia real. Isso vale para níveis de consciência e para estados de consciência. A visão de mundo pré-moderna tendia a aceitar certos níveis e estados. A visão de mundo moderna tende a aceitar uma certa racionalidade científica e uma racionalização empresarial pragmática. A seguir, o mundo pós-moderno aceita unicamente um certo tipo de nível de conhecimento pluralista. O que tentamos fazer é, basicamente, dar um passo atrás e olhar para o fato de que temos acesso a todas essas culturas ao redor do mundo. Ao fazê-lo, torna-se óbvio que tentar pegar apenas sua fatia específica e torná-la a única fatia é completamente inadequado para a situação mundial: é forçar a vista de uma perspectiva muito privilegiada e estreita; e isso, certamente, inclui o pós-modernismo, que acha que é a única visão correta e tudo mais é uma aberração.

Nós pedimos licença para afirmar: "Assim não funciona. Isso não faz sentido. Há que explicar por que 99% da humanidade não concorda com você. Em outras palavras, 99% dos seres humanos têm de ser descritos como doentes ou idiotas para que você esteja correto". E achamos que essa é uma visão doentia e estúpida. É isso que acontece quando se olha para todas as culturas do mundo. Há que se ter uma mente suficientemente aberta para dizer: "Temos de aceitar todas essas coisas em seus próprios termos e, em vez de perguntar o que é certo e o que é errado, perguntemos: que visão pode permitir que todas estejam dizendo algo importante?" Essa é uma pergunta totalmente diferente. Mas é a única pergunta que você pode fazer no mundo de hoje, quando todas as culturas estão se unindo. Trata-se de como sua consciência cresce e se desenvolve: a menos que sua consciência seja capaz de se elevar a essa percepção expansível do mundo, você ficará preso em uma dessas visões muito estreitas e parciais. Isso geralmente não é bom. Uma visão integral deixa estrias por toda a sua mente; basicamente, ela nos ajuda a chegar ao mais longe que conseguirmos. E isso muda nosso próprio ser; muda nossa percepção e nossa consciência. Tornamo-nos muito mais expansíveis, mais inclusivos, mais amorosos, mais compassivos.

O SISTEMA OPERACIONAL INTEGRAL: UM MODELO INTEGRAL PARA TODOS

CK, AD: Nesse ponto, a visão integral passa a ser muito interessante para todos, para a vida diária. Não apenas para sistemas complexos como ciência, negócios ou religião, mas para a vida cotidiana de seres humanos comuns.

Ken: Exato. E essa é uma das coisas que tentamos fazer com uma – aspas – "explicação simplificada" como a que acabei de dar. Não é muito complexo. No *Integral Institute*, estamos buscando formas bem simples de transmitir a ideia.

Por exemplo, os poucos itens que descrevi: as dimensões "Eu", "Nós" e "Isto" e múltiplos estados de consciência são algo que as pessoas já têm nelas. Todo mundo vivencia "Eu", "Nós", "Isto" e estados. Não é algo que eu inventei e estou tentando colocar em você. São coisas que você já tem e podemos conversar sobre elas. Se entendermos isso, nossa vida fica mais fácil. Se mostrarmos maneiras simples de fazer os seres humanos ressoarem com essas ideias, eles se esclarecerão muito, muito rapidamente. Porque são apenas algumas partes de nós mesmos que não sabíamos que existiam. E, portanto, podemos nos tornar seres humanos mais completos e ricos, em nossos relacionamentos, em nosso trabalho, em nossa vida e assim por diante. Assim, depois que o trabalho teórico foi feito, a pergunta realmente interessante é: "Como podemos atingir pessoas reais na rua – pessoas da rua no melhor sentido – seres humanos da vida real?"

CK, AD: Todo mundo, para que realmente mude alguma coisa.

Ken: Sim. Bob Richards, que está aqui conosco, é uma de nossas pessoas-chave no *Integral Institute* – no *Integral Institute* real – e ele, de fato, foi pioneiro em formas de pegar essas ideias complexas e torná-las bem simples rapidamente. Ele pode explicar o Sistema Operacional Integral (SOI); como ele aplica a linguagem de computador para as pessoas que a usam. O que estamos fazendo é instalar o SOI, com o qual podemos executar qualquer *software* que quisermos.

CK, AD: Isso é o que é único na Teoria Integral: ela revela dois aspectos simultaneamente. O primeiro é complicado porque tem de fazer jus à complexidade da realidade; o outro é muito simples.

Ken: Exatamente. E essa é uma das coisas mais difíceis para mim. Antes, vocês comentaram que não se consegue entender a parte antes de se entender o todo; de fato, as pessoas têm de investir algum tempo. Elas precisam ler dois ou três livros longos como *Sexo, Ecologia, Espiritualidade* ou, pelo menos, *A Brief History of Everything*[†]. Mas uma vez que as pessoas apreendem a visão geral, torna-se bem claro e simples. Garanto que é realmente natural. Você pega os quadrantes, os níveis, os estados e tudo flui quase automaticamente, porque é algo que já está presente em nós. Você apenas passa a usar coisas que já tem. Você não tem de aprender algo complexo como a desconstrução da mecânica ondulatória, que tem

[†] Publicado no Brasil como *Uma Breve História do Universo*, com uma tradução que deixa a desejar. Há uma edição portuguesa intitulada *Uma Breve História de Tudo*. (N.T.)

de ser destrinchado. É algo que já está dentro de você. Uma vez que as pessoas entendem, elas exclamam: "Uau, isso é tão simples!" Após captar a ideia, fica tão fácil e economiza uma enorme quantidade de tempo.

BR: Uma das razões pelas quais chamamos a Teoria Integral de Sistema Operacional Integral (SOI) é porque ela é análoga a um sistema operacional de um computador. Depois de aprender o Método Integral, ele organiza toda a sua experiência de acordo com os conceitos que Ken está descrevendo. E tão logo você instale o SOI, pelo menos cognitivamente, suas experiências se tornam muito mais definidas e claras. Você organiza a realidade e a complexidade muito melhor, consegue fazer distinções entre vivências do "Eu", "Nós" e "Isto", passa a distinguir estados de consciência de níveis de consciência e, assim, fica apta a aplicar o SOI a negócios, à medicina, à política etc.

CK: Você nem precisa mais fazer distinções, se já o absorveu. Você passa a ouvir o que é chamado de "a voz interior". E isso é uma conquista! Porque, se você realmente entendeu esse sistema – e seu mapa é realmente o melhor, Ken – chega ao ponto de ouvir a si mesmo sem precisar mais do mapa.

Ken: Correto. Essa é o ponto. Fico realmente feliz por você dizer isso. Porque às vezes as pessoas dizem: "Bem, ele está tentando me forçar a pensar dessa maneira." Ou: "Wilber resolveu tudo e acha que sabe tudo" e assim por diante. E é exatamente o oposto. Quando, por exemplo, digo que todo idioma tem perspectivas de primeira, segunda e terceira pessoas, isso significa que, na sua vida, se você está enfrentando uma situação, pelo menos quer saber: "Muito bem, como estou me sentindo diante dessa situação? O que está acontecendo ao 'Eu'?" Você também observa os fatos objetivos da situação, o "Isto". "O que realmente está acontecendo objetivamente? O que está ocorrendo aqui?" Você também precisa considerar a dimensão "Nós": as pessoas com quem você está envolvido na situação; o entendimento mútuo sobre qual linha de ação deve ser seguida. Ora, quando eu ressalto que há dimensões "Eu", "Nós" e "Isto", o que digo é: "Faça o que fizer, certifique-se de considerar as três dimensões, porque elas estão aí." Não lhe digo o que pensar como "Eu" ou compartilhar como "Nós". Eu apenas sugiro: "Verifique-os, porque eles estão aí, porque são partes suas." Da mesma forma, quando digo: "Você tem uma realidade de estado de vigília, uma realidade de estado de sonho e uma realidade de estado informe", não desejo direcionar o seu pensamento. Novamente, apenas sugiro: "Se deixar de fora esses seus estados, ficará incompleto. Verifique-se e certifique-se de estar considerando o espectro de consciência inteiro que lhe está disponível. Tenha certeza de varrer todas essas dimensões. Tecnicamente: todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas,

todos estados, todos os tipos. É muito simples quando você realmente faz isso, pois garante que sua voz interior examina tudo em você."

BR: Ken, por que é tão importante para uma consciência não dual incluir a realização integral?

Ken: Essa é uma das perguntas que sempre surgem. Toda tradição espiritual tem uma compreensão da iluminação ou consciência cósmica ou unidade ou *satori* ou *unio mystica*, tais tipos de estados. E então algumas pessoas dizem: "Muito bem, Ken. Alcancei o *satori*; vivenciei a unidade; não preciso de todas essas coisas para falar e pensar." Porém, na verdade, este é o mundo em que você vive e é onde expressa essa percepção. E mesmo que tenha uma realização da unidade e do nirvana, o mundo da forma ainda continua aqui e é nele que você expressa sua iluminação. Você pode ter uma iluminação perfeita, mas, no mundo da forma, se você estiver dividido, parcial e fragmentado, terá uma expressão dividida, parcial e fragmentada. E isso simplesmente não ajuda o mundo real. Se você fizer algo parecido com o voto do *Bodhisattva*, o voto de alcançar a iluminação para ajudar todos os seres sencientes, então, parte desse voto terá de ter um mapa da condição humana tão claro quanto possível, ou você vai se perder. Se realmente levar o voto do *Bodhisattva* a sério, você se tornará um pensador integral ou, então, vai se atrapalhar em sua ação. É justamente como dissemos: "Se tivermos um mapa ruim para voar sobre os Alpes, podemos sofrer um acidente." Quando deseja ser um bom médico ou um bom Dalai Lama ou um bom psicoterapeuta ou uma boa governanta ou um bom mecânico, você vai querer ter certeza de estar contactando todas essas partes em si mesmo. Porque essa é a única maneira de realmente decolar para o que você pode ser. O Sistema Operacional Integral é apenas um mapa que, uma vez entendido, permite que você verifique se está incluindo todas essas coisas. É, na verdade, sua própria voz interior, como você a ouve. Não é a minha voz, não é a voz de outra pessoa, é a sua voz. Ela representa uma expressão mais completa de quem você é porque confirma todos esses vários aspectos que você possui e, portanto, é menos provável que você deixe de fora algo realmente importante. É nesse sentido que o SOI se torna útil."

CK: Não somente útil. Nós precisamos dele. A voz interior tem de ser treinada, senão não conseguimos diferenciar se é realmente a voz interior ou apenas uma das muitas outras vozes internas.

Ken: Sim, exatamente. O SOI nos proporciona, no melhor sentido da expressão, o que os budistas chamam de "sabedoria discriminativa", que separa o genuíno, o profundo, o elevado do superficial, do comum, do raso. Isso é muito importante e é certamente como, em seus próprios termos, vocês duas percebem

seu estado mais elevado e como expressam esse estado no dia a dia do mundo real. Assim, a sorte de todas as culturas se unirem pela primeira vez agora é que a pessoa se libertará de qualquer abordagem parcial simplesmente olhando para o que elas têm a nos dizer.

Daqui a um milhão de anos, não teremos esquemas transculturais, mas, sim, esquemas transgalácticos. O próximo estágio integral será: "Muito bem, os terráqueos acreditam nisto, os venusianos e os alfa-centaurianos acreditam naquilo..." Do mesmo modo como dizemos agora: "os tibetanos acreditam nisto e os alemães acreditam naquilo". Haverá uma espécie de nível planetário integral e, em seguida, o nível interplanetário, intergaláctico. Podemos vivenciar a consciência da unidade com tudo agora mesmo e ela é a mesma unidade que eles realizarão daqui a um milhão de anos. Mas a forma mudará. E a forma hoje é integral, é transcultural; se você não conseguir integrar as culturas, ficará cego. Você será parcial e limitado, e ser tão parcial e tão fragmentário ferirá sua alma. É por isso que as pessoas buscam se expandir para a grandeza que são. E o Modelo Integral é simplesmente uma maneira de ajudar a fazê-lo.

A SITUAÇÃO MUNDIAL ATUAL EM TERMOS DO MODELO DE NÍVEIS

CK, AD: Essa é exatamente a situação, que é tão clara nos últimos meses e que está se tornando cada vez mais nítida a cada dia. De um lado, a parcialidade, de outro, o anseio por totalidade, completude. O que você acha que acontecerá?

Ken: Temos de admitir que o mundo está passando por uma situação desagradável. Há algumas questões bastante difíceis ocorrendo. Falamos sobre estados de consciência, mas existem outros modelos para abordar tais questões que proporcionam uma compreensão um pouco mais refinada dos tipos de consciência disponíveis.

Um deles é um modelo de níveis. Existem mais de cem modelos de níveis, modelos de desenvolvimento psicológico. E no cenário mundial é muito difícil evitar a conclusão de que diferentes blocos estão operando em diferentes níveis de consciência. Isso não implica julgamento. Implica apenas que há diferenças que devem ser levadas em consideração. Todos os modelos de desenvolvimento a que os psicólogos chegaram, na América, no Japão, na Europa, tiveram como precursores a tradição idealista alemã. E a ideia é que a consciência, como qualquer outra coisa no mundo, cresce e se desenvolve, como uma planta ou uma árvore: cresce em estágios até atingir sua maturidade.

O modelo mais simples foi provavelmente desenvolvido por Jean Gebser. Ele chamou os níveis de *arcaico*, *mágico*, *mítico*, *racional* e *integral*. E a maioria das pessoas entende muito bem o que significam. Eles são quase autoexplicativos. Infelizmente, o que encontramos no mundo hoje são grandes blocos mágicos, grandes blocos míticos e grandes blocos racionais. Não há um grande bloco integral. Constatamos que essas escalas de desenvolvimento na América e na Europa são muito parecidas. Você encontra menos de 2% da população em algo que possa ser chamado de nível de desenvolvimento integral. A maioria dela encontra-se em níveis mágicos, míticos ou racionais. E infelizmente, no cenário mundial atual, existem algumas organizações tribais mágicas, basicamente terroristas, em conflito com estruturas de crenças míticas fundamentalistas, sejam cristãs, árabes ou de outras orientações, além de países racionais industrializados com sua versão própria de capitalismo econômico.

As três versões apresentam desvantagens; no capitalismo global, a racionalização industrial excessiva, problemas ecológicos e, basicamente, o que chamamos de McCultura, o McDonald's invadindo todos os lugares como se representasse a América – embora suas batatas fritas sejam realmente... uau! (Risos.) Esse é o lado ruim da versão industrial racional-egoica. Todos nós conhecemos as distorções da abordagem mítico-associativa: a Inquisição Espanhola, estruturas de crenças fundamentalistas, homofobia, opressão patriarcal e assim por diante. E o lado negativo da versão mágico-tribal é que ela é terrorista, tribalista e não consegue formar nações duradouras com estruturas coesas. Encontramos esses três blocos muito importantes na garganta uns dos outros. E a real dificuldade aqui é: até alcançar um nível integral, você não consegue ver que todos esses são níveis de um crescimento geral ou de um espectro da consciência. Assim, se você está em um nível mítico, acredita que sua visão é a única verdadeira. É outro tipo de absolutismo de que estávamos falando. Por outro lado, se seu nível é o racional-industrial, você pensa que tem a liberdade e a verdade do seu lado, você acha que trata todos os seres humanos de forma igual e justa, e é o único que está certo, enquanto as outras pessoas que não pensam igual a você estão erradas. Não há como resolver os problemas globais nesses níveis e, infelizmente, eles, atualmente, governam o mundo. Portanto, de novo, não há como resolver os problemas mundiais. Estou falando sério. Não há como fazer isso agora.

Então, o que vai acontecer? Idealmente, é claro, gostaríamos de pensar que as pessoas alcançariam níveis integrais, que conseguem perceber a importância de todas essas visões parciais, mas verdadeiras, e integrá-las.

Existe um ponto em que se espera que ocorra uma real consciência do mundo, cujo centro de gravidade interno seja, no mínimo, integral, porque todos terão uma compreensão crescente. Ele consiste nessas etapas pelas quais todo mundo tem de passar e que vão formar uma cultura – não é realmente formar, a cultura se forma por si mesma; é espontânea e autocrescente – , quando, então, todos os níveis terão sua expressão, mas nenhum deles dominará. Uma das coisas que temos nos países industrializados é uma constituição racional-egoica que tenta prover certos direitos e liberdades às pessoas; e esse é um passo na direção certa. Mas ainda não é integral. Ainda não entende a importância dos outros níveis.

Nosso maravilhoso Presidente Bush não é racional, ele é mítico. Ele é um crente fundamentalista, o que é muito estranho, porque normalmente os Estados Unidos teriam preferido algum tipo de racionalidade industrial. Ela nos permite poluir lagos e exportar o McDonalds para o mundo; é nisso que a América é boa. Mas Bush é um fundamentalista. Ele realmente fala sobre o eixo do mal e quejandos. Ah, ele é muito mítico! A maioria dos líderes europeus estão simplesmente pasmos, desconfortáveis, assustados, e isso é inacreditável.

Porém, mesmo que você tenha alguém que esteja em um nível realmente decente – e você pode escolher quem quiser – alguns líderes mundiais realmente bons – ainda assim, esses grandes blocos mundiais continuam atuando em um nível mágico-tribal, com uma crença mítico-fundamentalista e em um nível racional-industrial. E estão todos na garganta uns dos outros. Não há como resolver isso, exceto por meio das forças que operam nesses níveis. Eles declararam guerra uns aos outros e um, especificamente, vai ganhar e se livrar dos demais até certo ponto. Isso é exatamente o que vem ocorrendo na história humana, e até que atinjamos o nível integral, quando realmente tenhamos algo como – não um governo mundial no sentido estrito – mas uma federação mundial que tenha uma profundidade de compreensão das pessoas, culturas e nações: elas podem estar em qualquer nível, mas não podem dominar as outras, apoiando-se em seu nível particular de desenvolvimento e em sua estrutura de valor. Nessa federação mundial integral, poderemos esperar diferentes tipos de resoluções para os problemas, mas não chegaremos a ela sem passar, creio eu, por algumas guerras culturais muito difíceis entre os blocos. Porque cada um deles tem instrumentos de guerra que são formidáveis. Esses instrumentos são mais intimidadores nas nações racional-industriais, não só porque elas dominam a energia nuclear e têm formas muito intensas de guerra, como também são donas do mercado econômico e acumulam toda a riqueza. Este é um cenário muito, muito complexo. Assim, não acredito que esteja perto uma ansiada transformação social mundial. Isso é idealista e maravilhoso, mas, na minha opinião, vai levar algum tempo para acontecer. Creio

haver muito pouco a fazer agora, exceto criar bolsões cada vez maiores de pessoas com uma compreensão integral. Quanto mais indivíduos com visão integral, melhor será. Pode ser uma transição bem lenta e não violenta, por exemplo. Eu não descartaria isso. O que às vezes acontece, quando surgem novos níveis, é que há algum tipo de guerra, não necessariamente física. Quando o modo racional-industrial de democracia emergiu da aristocracia mítica, houve uma revolução na França e outra na América que colocaram em jogo esse novo nível, causando, nesse sentido, uma ruptura bastante decisiva com o passado.

A próxima fase será uma fase integral, e não sabemos como isso vai acontecer. Mas não vai acontecer amanhã à tarde. Assim, o que esperamos é que cada vez mais pessoas que estão ganhando uma compreensão integral tenham influência. Não porque o movimento integral imponha sua visão às pessoas, mas porque diz: "você deve olhar para todas as pessoas antes de tomar uma decisão". Portanto, é um tipo de abordagem muito abrangente e inclusiva; não é uma que diga: "meus valores industriais estão certos e seus valores tribais são obra do demônio". O cenário mundial está bem desagradável e acho que vai continuar assim por muito tempo. Não vejo necessariamente um cataclismo, mas vai ser difícil.

CK: Por outro lado, essa enorme pressão é justamente o que pode acelerar a transição. Nossa situação atual estimula as pessoas a refletir, está despertando-as, porque muitos dos sistemas que existiram até agora não funcionam mais ou estão ameaçando entrar em colapso. Muitas pessoas estão abertas para o que é autenticamente novo e tendendo para uma espiritualidade que substitui a religião institucional. É verdade que essa transição não está sendo implementada por grupos ou blocos políticos, econômicos ou religiosos; ao contrário, eles a dificultam. Mas ela está no ar; pode ser percebida em qualquer lugar do mundo. Não importa por onde eu viaje, percebo esse anseio pelo novo, esse sentimento de esperança nas comunidades, nas pessoas. E eles vão muito além da inovação ou da reforma política e econômica. São um anseio e uma determinação em direção à verdade mais elevada que todos sentimos em nós mesmos, o desejo de reconexão com nossa essência mais profunda que integra tudo. Isso nos remete à consciência integral. E pela primeira vez na história humana temos a chance de reconhecer que o que é verdadeiramente integral não vem de fora, por meio da cultura ou de instituições, mas, sim, nasce daquele estado interior de consciência que todo ser humano tem ou, pelo menos, pressente. Se conseguirmos envolver as pessoas exatamente nesse ponto, elas responderão! Todas responderão se sentirem que o outro lado provê uma resposta ao seu anseio.

Ken: Eu responderia sim e não. Concordo com parte do que você diz e discordo um pouco de outra parte. Fazemos uma distinção entre estados de consciência e níveis de consciência. A maioria dos estados naturais está disponível para as pessoas, incluindo uma espécie de estado integrativo não dual. Mas para que o estado se transforme em uma aquisição permanente, tem de se tornar um nível, um estágio fundamental real de desenvolvimento que é incorporado. E assim, se olharmos para a pesquisa empírica, em que nível as pessoas estão, essa parte é um pouco mais desencorajadora e desanimadora. A parte dos estados a que você se referiu está certa, as pessoas podem alcançá-los. Em qualquer nível de desenvolvimento, elas podem ser um com tudo o que está surgindo, podem acessar esse tipo de consciência integral. Mas para que isso seja uma genuína aquisição permanente e não apenas uma experiência de pico, tem de se tornar um nível. Você pode acelerar o processo de desenvolvimento de estados por meio de técnicas como a meditação, por exemplo.

Porém, para alguém que está no nível mítico ou racional, se quiser se transformar, fazendo psicoterapia ou meditação profunda, o processo levará, no mínimo, de cinco a dez anos, provavelmente. Temos muitas pesquisas sobre isso.

CK: Talvez sim. Mas ainda vejo esse ponto de forma um pouco diferente.

Ken: Tudo bem. Eu preciso seguir pesquisas e evidências e é isso que faço. Assim, ao considerar as concepções de nível, descobrimos que cerca de 2% estão no integral, o que implica que há um nível pós-moderno; cerca de 25% das pessoas na Europa e na América estão nesse estágio. E antes dele, há o nível racional-egoico, com cerca de 30% da população e o nível mítico-fundamentalista com cerca de 40%. Desse modo, o que estamos focando são aqueles 20% nas culturas ocidentais que estão aptos a passar diretamente para o nível integral. Não é um número grande, mas é significativo, porque os 20 a 25% do nível pós-moderno são, na maioria, *baby boomers*, que estão nele há cerca de 30 anos. Eles estão prontos para se transformar em integral, e isso, teoricamente, poderia acontecer em um ano, quero dizer, amanhã à tarde. A questão é: o que pode acelerar o processo? Não serão todos de uma determinada cultura que se tornarão integrais.

Simplesmente não há evidências de que isso vá acontecer tão amplamente. Mas se 20% da população – mesmo que apenas metade deles transcenda para o integral – então, o integral passará de 2% para 10% a 15%. Essa é uma parcela bem substancial. Porque, se você considerar a revolução dos anos 1960, que começou em maio de 1968 em Paris, as profundas mudanças que ela gerou provieram de 20% da população. Ora, nessa época, nem todo mundo se tornou um radical dos anos 1960. Ainda havia crentes fundamentalistas – eles não se tornaram pós-

modernos. Ainda havia os cientistas modernos – eles não se tornaram pós-modernos. 20% da população se tornou pós-moderna e isso causou um incremento dos direitos civis, do feminismo, dos movimentos ecológicos, dos movimentos de diversidade e assim por diante. Portanto, 20% são muito influentes. Acho que o que vai acontecer na cultura ocidental – o segundo e o terceiro mundos ainda são mágico-míticos – é que esses 2% que estão agora no integral vão crescer para 10% a 15% nos próximos 10 a 20 anos. E mesmo que essa cifra não seja grande como uma aquisição permanente, é extremamente poderosa e influente, já que o nível integral é muito eficaz, muito eficiente. Se você dá uma tarefa a pessoas no nível integral, e dá a mesma tarefa a pessoas no nível pós-moderno, as pessoas no nível integral a cumprem com eficiência cerca de 10 vezes maior porque veem as coisas com mais clareza. Assim, se conseguirmos ter 5 ou 10% da população no nível integral, acredito que haverá genuínas mudanças radicais. Se houver pessoas em posições de liderança, posições de influência, no governo, na educação, na política, ainda mais que a academia está começando a se tornar integral, isso será muito poderoso. Creio que, realistamente, é o máximo que podemos esperar. Eu ficaria muito feliz se 90% da população atingisse o nível integral; a igreja ficaria muito chateada. Mas acho que uma visão mais realista, 10% a 20%, ainda é bastante encorajadora. É enorme em termos de quantidade de pessoas. E o que eu admiro sobre o integral, é que, se o que estamos dizendo estiver correto, e o integral for um nível de desenvolvimento, uma vez que surgem crentes míticos quase a cada minuto, eles podem evoluir no nível mítico, mesmo que estejam em uma cultura racional. A criança passa dos níveis mágico e mítico para o racional.

Você sempre vai encontrar pessoas ao redor do mundo que acreditam na religião fundamentalista. Sempre, porque algumas pessoas simplesmente param por aí e realmente acreditam que Cristo nasceu de uma virgem ou Lao Tse viveu 900 anos... O fato de que o integral é um nível significa que, à medida que a humanidade continuar a se desenvolver, pessoas automaticamente atingirão o nível integral. Não é algo que elas terão de aprender. É uma etapa do seu próprio desenvolvimento. Portanto, vamos assistir a uma crescente produção natural de pensadores integrais, tenham eles me lido ou não – porque é um estágio de seu próprio desenvolvimento; eles chegarão a uma abordagem integral. As pessoas podem não ter os termos para isso ou podem não ser tão articuladas, mas é um nível de consciência que elas atingirão. E isso é muito animador, porque não depende das pessoas me lerem, ou lerem Gebser, Aurobindo ou quem quer que seja integral. Essa parte, eu acho, é bastante encorajadora. Então, você se sente confortável com esse tipo de análise?

CK (rindo): Sim, sinto-me confortável com ela.

BOOMERITE

BR: Seu novo livro, *Boomerite*, será lançado neste verão.

Ken: Vai ser lançado na próxima semana.

BR: E quando será lançado na Alemanha?

Ken: Tenho certeza de que os direitos já foram vendidos. Em geral, sai cerca de seis meses depois. Ele começou a ser traduzido logo que terminei o manuscrito.

BR: Como você resumiria o propósito de *Boomerite* no âmbito do contexto do que estamos falando?

Ken: Falamos sobre os níveis gerais de consciência e desenvolvimento: o mágico, o mítico, o racional, o integral. Bob está certo. Entre o racional e o integral encontra-se um nível pluralista, o estágio pós-moderno. Cerca de 20% da população da Europa já o atingiu. Cada nível tem seus prós e contras. Os aspectos positivos do nível pluralista pós-moderno são os direitos civis, o feminismo, todo tipo de cuidados com a saúde, preocupações com o meio ambiente e assim por diante. O lado negativo tem sido o desconstrutivismo extremo dos movimentos pós-modernos. Tudo é relativo, nada está certo, nada é melhor do que qualquer outra coisa; você não pode fazer uma afirmação sobre nenhum tipo de verdade real. E isso resulta na paralisia da vontade e do pensamento na academia. Quero dizer, é muito difícil, por exemplo, apresentar uma razão pela qual explodir o *World Trade Center* foi algo ruim. A relutância em fazer julgamentos paralisa a ação. Chamo essa paralisia do arbítrio de "boomerite". Ela acaba com os *boomers*, a geração do *baby boom*, que foi a pioneira de boomerite.

Boomerite é um romance baseado nesse fenômeno. É diferente de tudo que já fiz. Será meio controverso e arruinará minha reputação em metade dos países do mundo. Mas, em geral, me divirto muito sendo polêmico para ver o que acontece. Ele é contado a partir da perspectiva de um rapaz de 20 anos, estudante de inteligência artificial. Você tem de lê-lo para ver o quão estranho e doentio ele é. Mas é muito divertido. Vejamos o que acontecerá... É basicamente uma reprimenda às pessoas que tentam impedir a conscientização integral. É o que o romance procura fazer. E os pós-modernistas são o centro das principais transgressões. Porque eles realmente impedem qualquer movimento de vanguarda para a integração de qualquer coisa. Simplesmente não há verdades a integrar. Existem apenas suas próprias afirmações sobre a relatividade e eles, claro, as consideram uma verdade absoluta.

É uma espécie de apresentação de suas próprias contradições. O livro tenta atingir os 20% que estão prontos a transcender para o nível integral. É um romance dirigido a eles.

CK, AD: Se esses 20% realmente saltassem para o novo, isso significaria que nosso estilo de vida mudaria. No mundo todo.

Ken: Com certeza.

CK, AD: E se eles aplicassem o nível integral a áreas como...

Ken: Todas.

CK, AD: Isso seria formidável. Com apenas 10%, nossas vidas poderiam ser totalmente diferentes.

Ken: Sim. Seria formidável. E eu acho que isso vai se concretizar, porque duas coisas estão acontecendo:

A primeira é que a geração *baby-boomer* da Europa e da América está atingindo a segunda metade da vida, e a transformação psicológica ocorre mais rapidamente nessa fase, porque todos passam a encarar a mortalidade: alguém que você conheceu e amou, morreu e aí você começa a fazer essas perguntas difíceis. Novamente, a transformação torna-se possível.

E a segunda é que os jovens estão chegando. E chegam com pressa. Muitos deles já chegam pensando integralmente e criticando toda essa ironia pós-modernista: "Você não pode fazer nenhuma afirmação de verdade... Vá se catar, isso é ridículo!" Eles realmente estão chegando muito, muito rápido. E nós adoramos. A maioria das pessoas com quem passo meu tempo no *Integral Institute* é jovem. Porque eles entendem, captam intuitivamente as coisas. Os *boomers*, velhos rebeldes ranzinzas – ah, ah, – passam horas e horas e simplesmente não entendem. Eles me consideram fascista, autoritário, horrível etc. Mas os jovens são rápidos. Por isso, creio que possamos passar logo de 2% para 10%. E isso vai mudar tudo. Vai mudar tudo mesmo. Porque as soluções são muito mais adequadas, muito mais eficientes, muito mais não violentas, no melhor sentido.

Isso é parte do que também estamos tentando fazer: trabalhar com pessoas em educação, política, negócios e assim por diante. Se implementarmos essas ideias em um nível bem prático, começarão a surgir resultados. E as pessoas as levarão a sério. Se for apenas um filósofo falando, elas pensarão: "oh, bem..."

CK, AD: Portanto, há muito trabalho a fazer.

Ken: Sim, com certeza.

"SOU APENAS UM... CARA"

CK, AD: Para onde vamos daqui, Ken? São milhares de perguntas. Não que você deixe alguma pergunta aberta em seus livros. Você faz perguntas, mas também apresenta respostas abrangentes. Mas uma vez que a semente foi lançada, novos pensamentos começam a pipocar no âmago mais íntimo e a pessoa fica querendo saber mais e mais. Gostaríamos de trazer o novo para todos os cantos e recantos das nossas vidas.

BR: Essas meninas europeias são muito fofas, não são, Ken?! Uma americana nunca se expressaria dessa forma.

CK, AD: Por que não?

BR: As americanas perguntariam: "Quando você vai me comprar aquele carro? Quando eu finalmente vou conseguir aquela casa nova?" Elas nunca pediriam: "Apresente-me mais dessa filosofia fantástica." (Gargalhadas.)

CK, AD: (sérias): OK, prossigamos. Conte-nos um pouco sobre você, agora, Ken. Como você alcançou esse avanço intelectual e espiritual? Foi uma revolução, não foi?

Ken (brincando): Bem, eu vim de outro planeta...

CK, AD: Não diga!

Ken: Todo o meu treinamento prévio foi científico, estudando "Isto" e "Istos", objetos, objetos, objetos, objetos. Fui para a faculdade de medicina e depois estudei química. Mas nada disso respondia ao que eu queria saber. Tudo se resumia a objetos. Não havia dimensões "Eu" e "Nós". Mas eu realmente queria saber sobre estados interiores de consciência, significado, valores e, assim, fui atraído pelas tradições orientais que tratam de realização, iluminação e consciência. Desse modo, basicamente, comecei uma busca muito intensa, tentando juntar todas essas verdades. Porque estava convencido de que todas elas tinham algo a dizer. Comecei com a pergunta que não é quem está certo e quem está errado, mas, sim, como todos podem estar certos. Tem de haver alguma maneira de todos estarem dizendo algo importante. E esta é uma pergunta bem diferente de se fazer. Eu tive sorte. Foi a primeira pergunta que me fiz. E assim escrevi meu primeiro livro aos 23 anos: *O Espectro da Consciência*. Ele foi uma resposta à pergunta "Como todos podem estar certos?"

CK, AD: Mas... isso é muito cedo!

Ken: 23 anos? Sim, é muito cedo... Em anos terrestres. (Risada.)

CK: Eu acho que você não é realmente deste planeta.

Ken: 23 é cedo, sim.

CK, AD: Você tem um tipo singular de inteligência, como... uma metralhadora.

Ken (fingindo estar indignado): Essa é uma metáfora bem americana!

CK, AD: É?

Ken: Nós, americanos, somos bastante "metralhadores". Tatatatata...

CK, AD (brincando): Nós pelo menos o percebemos assim. Você faz o ambiente tremer.

Ken: Isso as incomoda?

CK, AD: Não, de jeito nenhum. É muito inspirador. (Nesse momento, o clima do grupo estava bastante descontraído e animado.)

BR: Ele é o Rambo da filosofia.

Ken: Hein? Não me chame assim! Nem vem!...

BR: Ele é o exterminador.

Ken: Ah, não, isso também não! Não, não, não... (Finge se defender)

BR: Ele é a Madre Teresa de...

CK, AD: Fiquemos com "O Exterminador da Filosofia"!

Ken (fingindo-se insultado): Essa não é uma boa imagem para um integrador. Nós integramos. Não exterminamos nada.

CK, AD: Você acha que merece uma imagem melhor?

Ken: Qualquer outra melhor que "exterminador". (É com dificuldade que voltamos ao assunto em questão.) Existem, certamente, modos diferentes, velocidades diferentes. Quando entro em estados meditativos, é totalmente diferente; é muito lento e bastante expansivo. Mas quando faço esse tipo de trabalho, coloco uma paixão enorme, uma intensidade imensa. Para desenvolver esse aspecto particular de ação de vanguarda, é preciso esse tipo de energia. Se não imprimir essa intensidade, você não consegue. Desse modo, acho que, para os pioneiros, essa parte é muito necessária. Depois que faço um *download* e junto as coisas, fica tudo bem. Não opero assim 24 horas por dia. Mas quando faço esse tipo de atividade, é muito, muito intenso.

CK: É uma espécie de êxtase criativo, não é? Eu também o conheço.

Ken: Sim, não há outra maneira de fazer isso. Mas quando você entra na meditação zen, é totalmente diferente. A energia é completamente diferente e, aí, você passa a ter apenas dois ou três pensamentos em uma hora. Mas aqui...

BR: Uma parte fundamental do nível integral é fazer as duas coisas, cobrir todo o espectro de energia...

CK, AD: E é isso que é fascinante. Quando as pessoas finalmente entenderem o quão maravilhoso é viver dessa forma, elas se abrirão ansiosamente para o novo.

Ken: Sim. Mas uma das dificuldades que eu sinto... Veja, vocês irão transcrever essa nossa conversa e leitores a lerão, lerão literalmente as palavras – isso caracteriza metade da ocasião. Elas não sentirão a pessoa real. Estou sentado aqui basicamente e muitas coisas que estou dizendo também são meio que piadas; estamos rindo, há uma certa leveza, um aspecto divertido. Estamos sentados por horas acompanhando essas ideias densas e, na verdade, está sendo divertido, vocês não acham?

CK, AD: Está mesmo.

Ken: É divertido. Há a energia, o tom, as expressões faciais. Nada disso aparecerá na transcrição, não será percebido. Uma das minhas dificuldades é que não me faço suficientemente presente apenas com a palavra escrita. É um verdadeiro problema para mim. Porque as pessoas apenas leem e, portanto, inserem seu próprio tom, e pensam que alguém que está dizendo esse tipo de coisa com tanta intensidade deve ser uma pessoa muito séria, muito dominadora, muito autoritária. Mas eu sou apenas um... cara. E nada disso aparece.

CK, AD: Todos deveriam saber que você gosta disso. (As nossas risadas preencheram a sala.)

Ken: Uma das coisas que realmente aconteceu, uma das primeiras entrevistas que fiz para publicação, foi um CD que Jordan Gruber produziu. Eu falei de tudo. Na verdade, foi a primeira entrevista ao vivo em 30 anos, quando as pessoas puderam me ouvir falar. Se vocês lerem as resenhas de pessoas que leram apenas a transcrição, o material escrito, vão encontrar: "Como ele é arrogante, ele sabe tudo, ele é blá-blá-blá..." Das pessoas que ouviram o CD não há uma única crítica negativa. É como: "Ah, ele é caloroso..." (Interrompe, imitando resignação.) E isso de novo soa... [Todos rimos bastante.] Veja, se vocês transcreverem isso, vai ser dito: "Ele é um idiota completo." "Ele é humano, ele é espirituoso, ele é carinhoso, ele é compassivo..." Essas mesmas palavras, se você as transcreverem,

terão a seguinte reação: "Jesus..." Assim, percebo que prestei um desserviço por não estar fisicamente mais presente. E esse é um problema.

CK, AD: Por isso foi importante escrever o diário.[‡]

Ken: Sim, mas mesmo assim... ainda é melhor pessoalmente. Cai melhor. Os diários ajudam até certo ponto. Mas há tanta coisa transmitida na linguagem corporal, na imagem, no tom, se você diz algo sorrindo ou franzindo a testa. Mesmo quando estou sendo crítico, é mais divertido para mim – todos nós podemos ser tão estúpidos... Mas se você transcreve isso, soa horrível. E eu mesmo tenho que repensar: "Eu sou um completo idiota." E ao lerem a transcrição, as pessoas vão pensar: "O que é isso? O que isso significa? Esse cara é assustador."

CK, AD: Mas se reproduzirmos a entrevista fielmente, tal como está, sem frescuras, talvez consigamos transmitir ao leitor um pouco dessa atmosfera especial.

Ken: Mas você nunca verá a energia, o sorriso, as risadas e todas as coisas que acontecem... Uma das razões por que eu não faço aparições públicas é pela intensidade que é necessária. Só para obter informações, tenho de ler dois ou três livros por dia; e é um trabalho árduo juntar tudo. É uma questão de tempo. Posso sentar e escrever livros ou posso sair e ensinar. É muito difícil para mim fazer as duas coisas. Ambas exigem demais. Ambas são atividades em tempo integral e quando você começa a aparecer em público, você precisa dizer sim ou não, e eu tenho muitos amigos. Se dissesse sim para um, odiaria dizer não para outro. Então eu basicamente parei – fiz muitas aparições públicas até meu primeiro livro ser lançado, quando eu tinha 26 ou 27 anos. Desde então, não dei uma entrevista por 22 anos. Agora, a serviço do *Integral Institute*, tenho buscado formas de aparecer; estamos fazendo algumas atividades desse tipo. O pensamento integral é ameaçador para as pessoas porque elas acham que você está tentando lhes dizer como pensar. Quando me leem, elas acham que digo isso, ficam com medo, às vezes se sentem ameaçadas e ficam com raiva. Elas pensam que estou tentando controlá-las. A maioria das pessoas que me conhece pessoalmente não pensa assim. Elas acham que sou um idiota por outros motivos, mas não por estar tentando controlá-las. Assim, estou prestando um certo desserviço ao apresentar essas ideias por um meio que as faz parecer mais ameaçadoras do que são. Se me encontram pessoalmente, as pessoas pelo menos podem decidir se gostam ou não, com base no que estou realmente comunicando. E a maior parte do que comunico é meu corpo, minha energia, meu tom e assim por diante. Mas nada disso aparece na

[‡] Referência ao livro *One Taste* de Ken Wilber. (N.T.)

escrita. Então, o que eu quero dizer é que se realmente não gostam de mim, que seja por uma razão integral e não pela minha obra, que conheçam meu eu inteiro para que possam me desprezar integralmente, não apenas parcialmente. Portanto, é isso que queremos tentar aqui. Exatamente como fazê-lo, eu não sei.

Mas, por favor, não falem "Wilber, o exterminador, diz..."